

A organização dos Jogos Olímpicos como símbolo de afirmação política e económica da nação anfitriã - o caso asiático e perspetivas futuras

Autor

António Sérgio Cortesão Ferreira

antoniocortesaoferreira@gmail.com

Resumo

À medida que os Jogos Olímpicos cresceram em relevância e assumiram o papel de grande palco da humanidade, a organização do evento traduziu-se num objetivo, numa ambição e numa oportunidade de afirmação da nação anfitriã enquanto potência política e económica. A análise do artigo foca-se nas três edições asiáticas, procurando efetuar através da revisão da literatura um enquadramento do contexto político e socioeconómico de cada uma das nações em análise, no período que antecedeu a organização dos Jogos no respetivo território. Procura-se igualmente analisar as perspetivas futuras das candidaturas olímpicas, enquanto plataforma de afirmação geopolítica, à luz dos mais recentes processos de eleição de cidades-sede.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Crescimento Económico; Desenvolvimento; Afirmação Geopolítica; Ásia

Introdução

Ao longo dos 125 anos de história olímpica, um total de 19 nações e 23 cidades tiveram até hoje a honra, o desafio e o privilégio de organizar uma edição dos Jogos Olímpicos de Verão. À medida que o evento foi crescendo em importância e projeção internacional, ultrapassando a sua dimensão desportiva e tornando-se um pulsar da geopolítica mundial, a organização dos Jogos transformou-se num verdadeiro desígnio para várias nações.

Para ilustrar esta temática, o presente artigo centra-se na análise e contextualização histórica, na sua dimensão política e socioeconómica, dos três países que até hoje organizaram os Jogos no continente asiático, e em particular no

período que antecedeu a realização do evento. Da extraordinária recuperação do Japão nos pós II Guerra Mundial, passando pelo milagre coreano, até ao ressurgimento do império chinês após 1978, procura-se perceber de que forma os Jogos Olímpicos realizados nestes países marcaram, num contexto muito próprio, a sua afirmação no panorama internacional.

Um segundo ponto do artigo consiste numa abordagem das perspetivas futuras no que respeita à organização dos Jogos Olímpicos, tendo por base os mais recentes processos de candidatura e seleção de cidades-sede, e de que forma a organização do evento representa ainda um objetivo enquanto símbolo de afirmação internacional.

Tóquio 1964: o renascimento e a resiliência nipónica

A 2 de Setembro de 1945, a bordo do couraçado *USS Missouri* ancorado na baía de Tóquio, o Japão assinava formalmente a sua rendição às forças norte-americanas, colocando assim fim à II Guerra Mundial e ao período de expansão territorial do império japonês na região, iniciado no final do século XIX¹.

O império nipónico, aliado da Alemanha Nazi e da Itália, manteve o seu domínio no Pacífico sem oposição até à entrada dos EUA no conflito no final de 1941. O domínio norte-americano acabaria por se sobrepôr, especialmente a partir da batalha de Midway, e levaria à capitulação do império nipónico².

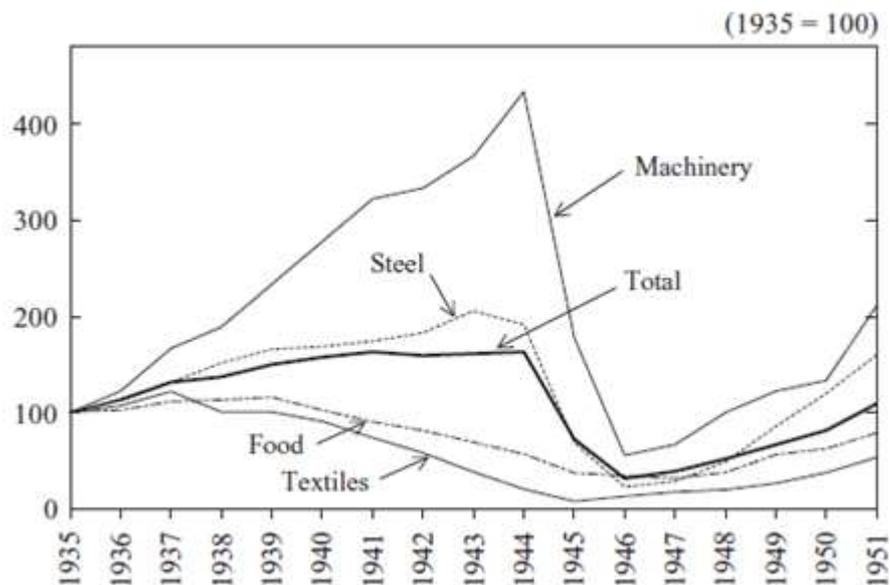
Os bombardeamentos massivos de que foi alvo, como o ocorrido sobre Tóquio a 10 de março de 1945 e o lançamento das bombas atómicas, sobre Hiroshima a 6 de agosto e sobre Nagasaki três dias mais tarde, tiveram resultados particularmente severos³. Parte significativa do capital físico do país ficou destruído, a que se juntou a escassez de energia, o desemprego e a fome. A figura 1 é particularmente exemplificativa da queda abrupta da produção industrial no Japão a partir de 1944⁴.

¹ Destaque para a ocupação da Península da Coreia, 1910-1945, e invasão da Manchúria, 1931- 1945. Ohno (2005)

² A 8 de dezembro de 1941, no seguimento do ataque japonês à base naval de Pearl Harbour, os EUA declaram guerra ao Japão e juntam-se às forças aliadas. A batalha de Midway, 3 de junho 1942, é entendida como o ponto de viragem decisivo no início da derrota do império nipónico. Beevor (2018)

³ O bombardeamento de Tóquio terá provocado a morte a 100 mil pessoas, e as bombas de Hiroshima e Nagasaki entre 90-120 mil e 60-70 mil, respetivamente. Ohno (2005)

⁴ 25,4% do total de ativos do país foram destruídos, com particular destaque para a frota naval, cujo nível de destruição atingiu os 80%. Ohno (2005)

Figura 1: Índice Produção Industrial

Fonte: *The Economic Development of Japan*. Kenichi Ohno (2005)

De 1945 a 1951, o Japão manteve-se sob jurisdição norte-americana, tendo a força de ocupação sido denominada de *Supreme Commander of the Allied Powers* (SCAP). O primeiro objetivo da SCAP foi o da desmilitarização do Japão, neutralizando a capacidade de produção militar e impedindo que o país pudesse reabilitar o seu exército. Em 1947 foi aprovada uma nova constituição que estabelece, no seu artigo 9º, o princípio de “*renúncia à guerra e à posse de forças militares*”.

No mesmo ano, e com o escalar da tensão entre os EUA e a URSS na região, a política norte americana face ao Japão altera-se consideravelmente. O objetivo dos EUA passava agora por dotar o Japão de uma economia forte, dinâmica e “capitalista”, que pudesse combater as forças comunistas que ganhavam força na região.

A economia japonesa assiste durante as décadas de 50 e 60 do século XX a um crescimento económico sem precedentes. Entre 1950 e 1973, o PIB do Japão cresceu a uma média de 9,1% ao ano (*tabela 1*) e o PIB *per capita* 8%. O efeito de convergência face aos EUA foi igualmente muito assinalável (*tabela 2*), com o PIB japonês a passar de 13% para 35% face ao dos EUA, e o PIB *per capita* de 23% para 68%. No início da década de 1970, o Japão era já a segunda maior economia capitalista do mundo, ultrapassando a Alemanha Ocidental.

Tabela 1: Taxa crescimento do PIB do Japão (1945 – 1973)

	1945 - 1953	1953-1973
Taxa Crescimento PIB (%)	9,9	9,1

Fonte: Adaptado de Valli V. (2012)

Tabela 2: Convergência da economia japonesa com a dos EUA

	1950	1973
PIB (% EUA)	13,0	35,1
PIB per capita (% EUA)	23,3	68,5

Fonte: Adaptado de Valli V. (2012)

Este efeito de convergência, conhecido como “*catching-up*”⁵, foi observado igualmente noutros países neste período, e resulta, segundo vários autores, do *gap* tecnológico existente entre as economias à saída da II grande guerra.

O período de 1953 - 1973 fica ainda marcado por taxas de desemprego sustentadamente baixas (1,8% em 1953 e 1,3% em 1973), e por um aumento do número médio de anos escolaridade, que passou de 9,4 em 1950 para 12,1 em 1973.

Para além das condições internas que favoreceram o sucesso japonês, tais como a disponibilidade de recursos para investimento e a abundante força de trabalho disponível, contribuiu igualmente o crescimento assinalável do comércio mundial e a eclosão da guerra da Coreia (1950-1953). Dada a proximidade geográfica, o Japão tornou-se o principal fornecedor dos EUA, que participou no conflito enquanto aliado do Sul da península coreana. Este acontecimento contribuiu para um aumento da capacidade produtiva e da inovação tecnológica no país.

Assiste-se igualmente durante este período à adesão do Japão a importantes organismos internacionais, como sejam o FMI e o Banco Mundial em 1952, a ONU em 1956, e a OCDE em 1964.

Foi num quadro de impressionante crescimento económico e de recuperação social, que em 1964 a nação japonesa acolheu os Jogos Olímpicos, os primeiros

⁵ Este efeito foi observado noutros países no período entre o fim da II Guerra Mundial e o início da década de 70, em particular na Europa Ocidental, destacando-se os casos de Itália, da República Federal da Alemanha, França, Espanha, Grécia e Portugal. O efeito tende a atenuar quando o *gap* tecnológico diminui. Para melhor compreender este efeito, consultar Abramovitz (1986) e Temin (2002).

realizados no continente asiático⁶. Um total de 5151 atletas oriundos de 93 CONs participaram nos Jogos de Tóquio, um número recorde à época. A organização nipônica foi um enorme sucesso e não poupou esforços na entrega do evento, construindo instalações desportivas de excelência mundial como seja, por exemplo, o *Yoyogi National Gymnasium* (figura 2).

A preparação para a organização dos Jogos acelerou o processo de desenvolvimento urbanístico e de modernização de infraestruturas, com destaque para as vias rodoviárias e ferroviárias. Pouco antes do início dos Jogos, a linha de comboio de alta velocidade “*Shinkansen*”, que ligava Tóquio a Osaka, era inaugurada⁷. Outro marco importante dos Jogos de Tóquio foi o nível tecnológico apresentado: pela primeira vez, os Jogos foram transmitidos em direto, por via satélite, para todos os continentes, chegando a uma audiência estimada de 500 a 800 milhões de espectadores.

Figura 2: Yoyogi National Gymnasium



Fonte: Arne Mueseler / www.arne-mueseler.com

(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kokuritsu_Yoyogi_Kyōgijō_1.jpg)

<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/de/legalcode>

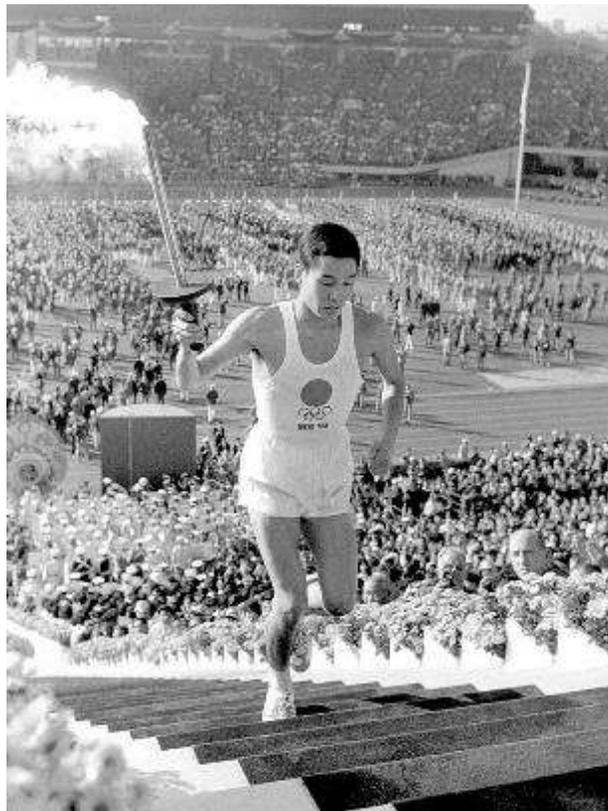
⁶ Os Jogos de 1940 foram atribuídos a Tóquio, mas o Japão viria a declinar a organização na sequência da II guerra sino-japonesa. Em maio de 1959, durante a 55ª sessão do COI realizada em Munique, os Jogos da XVIII Olimpíada foram atribuídos à capital japonesa.

⁷ À data, a linha de alta velocidade “*Shinkansen*” entre Tóquio e Osaka era a mais rápida do mundo, e seguir-se-ia uma expansão por todo o território.

Para a nação anfitriã, os Jogos foram igualmente um sucesso desportivo, terminando a competição com um total de 29 medalhas, das quais 16 de ouro, somente atrás das superpotências EUA e URSS. Este sucesso nipónico iria perpetuar-se nas edições olímpicas subsequentes.

O percurso da chama olímpica, iniciado em Olímpia a 21 agosto de 1964, pode ser entendido como um símbolo de reconciliação do Japão com o seu passado recente. Ao longo do seu percurso, a chama olímpica visitou territórios ocupados pelo império japonês durante a II Guerra Mundial, tais como a Malásia, as Filipinas, Hong Kong e Taiwan. O momento alto deste percurso, ocorreu a 10 de outubro de 1964, quando Yoshinori Sakai, um jovem nascido próximo de Hiroshima a 6 de agosto de 1945, o dia do lançamento da bomba atómica, acendeu a pira olímpica no Estádio Nacional, dando assim início aos Jogos da XVIII Olimpíada (*figura 3*).

Figura 3: Yoshinori Sakai, Cerimónia de Abertura de Tóquio 1964



Fonte: Unknown (Asahi Shinbun)

(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yoshinori_Sakai_1964c.jpg) marcado como domínio público, <https://commons.wikimedia.org/wiki/Template:PD-Japan>

Seul 1988: o “milagre do rio Han”

Entre 1960 e o início dos anos 90, a transformação económica e social operada na Coreia do Sul foi impressionante. De economia subdesenvolvida, e entre os países mais pobres do mundo com um PIB *per capita* de \$87 USD, a Coreia do Sul evoluiu rapidamente para se juntar ao grupo de países mais desenvolvidos e numa das economias mais competitivas e avançadas, com um PIB *per capita* de \$5199 USD em 1989.

Após o fim da ocupação japonesa (1910-1945), a península da Coreia viu-se envolvida no centro de um conflito, entre o Norte, comunista, e o Sul, apoiado pelos EUA (1950-1953). O conflito resultou numa perda elevada em vidas humanas e na destruição de parte significativa das infraestruturas da península. A divisão do território, no denominado “*Paralelo 38*”, tornou evidente os desequilíbrios económicos, que favoreciam naquele momento o Norte. As principais fontes de matérias-primas e as principais indústrias e maquinaria pesada encontravam-se a Norte, enquanto no Sul predominava a agricultura pouco desenvolvida.

No seguimento do golpe militar de 16 de maio de 1961, e sob o comando do Presidente Park Chung-hee, foi colocado em marcha um conjunto de políticas económicas, conhecidas por planos quinquenais, que viriam a mudar radicalmente a Coreia do Sul, e a dar-lhe o estatuto de NIC⁸ por volta de 1970.

O 1º plano quinquenal, implementado entre 1962-1966, colocou em prática o princípio de “*Exports first*”, isto é, uma economia virada para o mercado externo, em detrimento do mercado e do consumo internos. O desenvolvimento inicial da economia esteve sobretudo assente nas indústrias de produção em massa e de baixo valor acrescentado. Entre 1972 e 1979, com a implementação dos 3º e 4º planos quinquenais, a economia coreana iniciou uma nova fase de transformação, passando agora o foco a ser posto no investimento e desenvolvimento de HCI (*Heavy and Chemical Industries*)⁹, iniciando assim uma política de substituição de importações e produção local de bens intermediários, necessários à indústria exportadora.

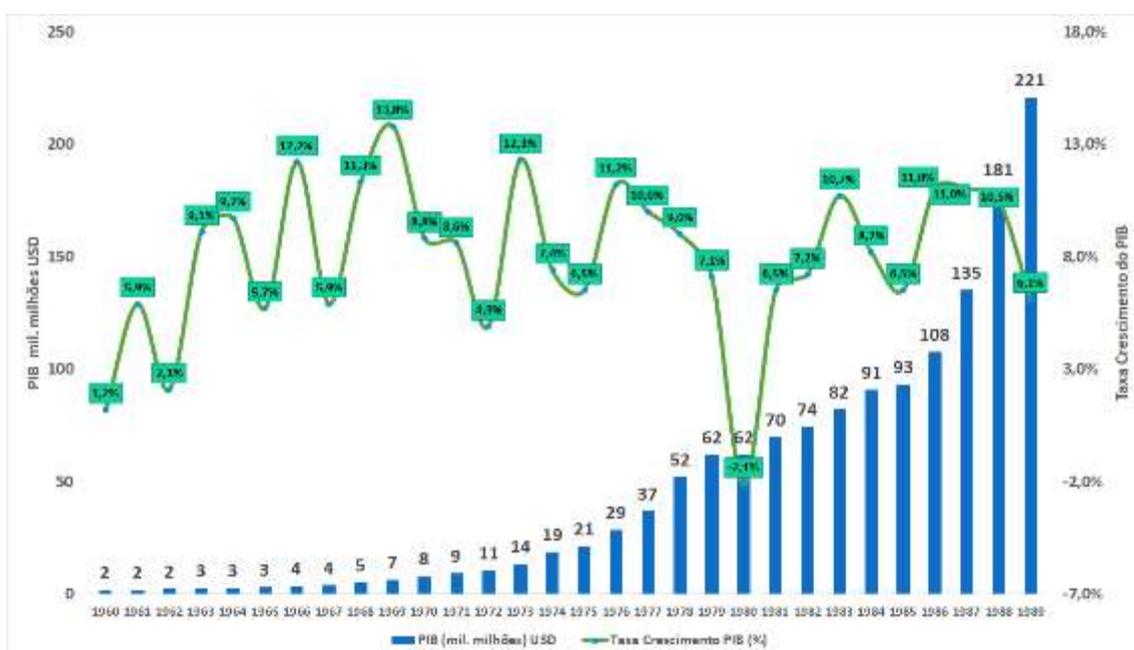
⁸ NIC (*New Industrialized Countries*), também conhecidos por “Tigres Asiáticos”: Coreia do Sul, Singapura, Taiwan e Hong Kong. Hassink (1999)

⁹ HCI (*Heavy and Chemical Industries*), sendo exemplos destas indústrias: a petroquímica, a metalurgia, a maquinaria pesada e a construção naval. Weiss (2005), Hassink (1999)

O desenvolvimento e crescimento económico da Coreia do Sul beneficiou ainda de fatores externos, como seja a normalização das relações com o Japão na década de 60 e a guerra do Vietname, enquanto fornecedor dos EUA.

A figura 4 permite-nos visualizar a impressionante trajetória da economia coreana no período entre 1962 e 1989, e como esta se tornou numa das economias mais competitivas a nível mundial. A taxa média de crescimento anual do PIB neste período foi de 8,5%, com o PIB *per capita* a crescer 65 vezes face a 1962¹⁰.

Figura 4: PIB e Taxa de Crescimento PIB da Coreia do Sul: 1960 - 1989



Fonte: Adaptado de Harvie, C. e Lee, H. (2003)

Os Jogos da XXIV Olimpíada¹¹, realizados em Seul em 1988, os segundos da história a visitar o continente asiático, foram assim uma oportunidade para a Coreia do Sul se afirmar no mundo como potência económica e um *player* de influência na região, no auge do seu processo de crescimento económico.

Um total de 8465 atletas estiveram presentes em Seul, em representação de 159 CONs. Os EUA e a URSS voltaram a reunir-se no palco olímpico, depois dos

¹⁰ O PIB da Coreia do Sul apenas apresentou taxa de crescimento negativa em 1980, e foi resultado da interrupção das políticas económicas no final de 1979, após o assassinato do Presidente Park Chung-hee e da restauração do governo militar de forma transitória.

¹¹ Os Jogos da XXIV Olimpíada foram atribuídos a Seul durante a 84ª sessão do COI, realizada em Baden-Baden, Alemanha, em setembro de 1981.

boicotes a Moscovo'80 e a Los Angeles'84, respetivamente. Já a vizinha Coreia no Norte decidiu não enviar uma equipa a Seul. A URSS dominou a competição, conquistando um total de 132 medalhas, das quais 55 de ouro, seguida pela RDA com 102 medalhas. A equipa anfitriã conseguiu o seu melhor resultado em Jogos Olímpicos até à data, ficando em 4º lugar com um total de 33 medalhas conquistadas.

No plano olímpico, Seul'88 marca o final da guerra fria. Foi a última vez que a Alemanha participou separadamente e foi também a última aparição da URSS em Jogos Olímpicos¹².

Figura 5: Cerimónia de Abertura - Seul 1988



Fonte: Por Ken Hackman, U.S. Air Force - <http://www.defenseimagery.mil>, Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=4196553>

Pequim 2008: o despertar do “Império do meio”

Em 1978, precisamente 30 anos antes de organizar os jogos da XXIX Olimpíada, a China de Deng Xiaoping iniciava o seu processo de abertura ao mundo e colocava um fim na “Revolução Cultural”¹³, um período que havia acentuado o isolamento e o retrocesso da economia e da sociedade chinesas na década precedente.

¹² Em Barcelona'92, 12 das antigas Repúblicas Socialistas Soviéticas participaram numa equipa conjunta, denominada de CEI (Comunidade de Estados Independentes).

¹³ Período iniciado no final da década de 60 do século XX por Mao Tse-Tung. Chow (2018).

Numa altura de grande transformação tecnológica e de forte globalização, a que se juntava o sucesso económico dos “Tigres Asiáticos”, Deng Xiaoping acreditava que o desenvolvimento da China dependeria da sua capacidade de se posicionar no mundo e acompanhar as potências mais avançadas. Este processo conduziu a duas importantes transformações¹⁴:

- de uma sociedade rural e agrícola para uma sociedade urbana;
- de uma economia planeada para uma economia de mercado.

O processo de transformação foi gradual, assente no pragmatismo dos líderes chineses no que respeita à ideologia, numa aprendizagem de “tentativa-erro”¹⁵, e evitando choques abruptos. Um exemplo desta gradualidade, foi a abertura da primeira zona económica especial na cidade de Shenzhen em 1982, localizada junto a Hong Kong, e que rapidamente se transformou numa das maiores e mais dinâmicas regiões chinesas, gerando uma forte atração de investimento estrangeiro (IDE).

O resultado destas políticas foi um crescimento do PIB a uma taxa média anual de 9,4% entre 1978 e 2019 (*figura 6*). A China é hoje a segunda maior economia do mundo¹⁶, possui a maior indústria e é líder mundial no mercado exportador. A convergência com o PIB dos EUA tem sido igualmente assinalável (*figura 7*), e é esperado que no final da presente década a China ultrapasse os EUA e ascenda ao estatuto de maior potência económica mundial.

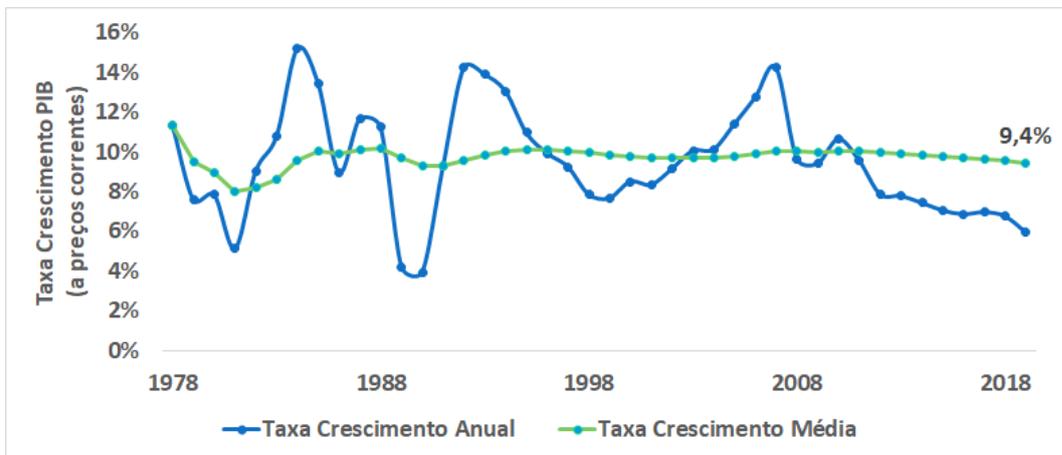
A transformação iniciada em 1978 permitiu ainda uma redução significativa da pobreza: 500 milhões de pessoas tinham saído da pobreza ao início do novo milénio. Apesar de todas as conquistas, o nível de desigualdade mantém-se elevado, sobretudo na comparação entre regiões e entre áreas urbanas e rurais.

¹⁴ ver p.ex. Word Bank, China 2030 (2013) e Chow (2002).

¹⁵ Deng Xiaoping entendia o processo de transformação como, e nas suas palavras, “*atravessar o rio à medida que se sentem as pedras*”. Wordk Bank (2013)

¹⁶ A China ultrapassou o Japão como segunda maior potência económica em 2010. World Bank (2013).

Figura 6: Taxa Crescimento do PIB da China (1978 – 2019)



Fonte:
Banco

Mundial (<https://data.worldbank.org/>)

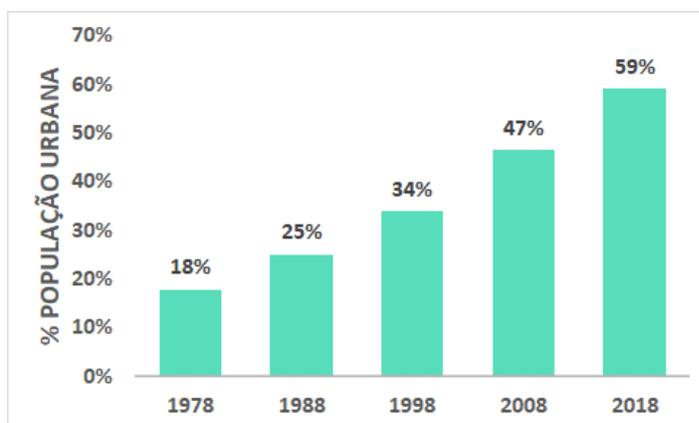
Figura 7: Convergência do PIB da China com os EUA (1978 – 2019)



Fonte: Banco Mundial (<https://data.worldbank.org/>)

Este período fica igualmente marcado por um forte processo de urbanização na China. Em 1978, cerca de 18% da população vivia nas cidades, quando em 2018 esse valor era de 59% (figura 8). Em 2015, entre as vinte maiores áreas metropolitanas do mundo, três ficavam na China: Pequim, Xangai e Guangzhou¹⁷.

¹⁷ Entre as áreas metropolitanas que mais cresceram em população entre 2000 e 2015, Pequim ocupa a 1ª posição e Xangai a 3ª, com um crescimento de 68% e 61%, respetivamente. (fonte: OCDE iLibrary)

Figura 8: % População Urbana na China: 1978 - 2018

Fonte: Banco Mundial (<https://data.worldbank.org/>)

Nas décadas mais recentes, a China tem procurado igualmente aumentar a sua influência no mundo através de uma forte política de investimento no exterior. Está presente em diversas economias e em grandes projetos de investimento, em particular em África e na América do Sul.

Para a nação mais populosa do mundo, e com uma economia em plena ascensão, a organização do maior evento desportivo tornou-se, inevitavelmente, um desígnio nacional. Depois ter perdido para Sydney a atribuição dos Jogos do ano 2000, o COI atribuiu em 2001 a Pequim a organização os Jogos da XXIX Olimpíada¹⁸.

A China não poupou esforços na entrega de uns Jogos memoráveis, a começar pela inesquecível cerimónia de abertura (*figura 9*). As instalações desportivas de elevada qualidade, quer técnica quer arquitetónica, como seja o Estádio Olímpico (*Bird's Nest*) ou o Cubo de Água (*figuras 10 e 11*), são marcos na história olímpica.

¹⁸ 112ª Sessão do COI, 2001, Moscovo. (fonte: COI)

Figura 9: Cerimónia Abertura, Pequim 2008



Fonte: 2008 / Internacional Olympic Committee (IOC) / Juilliart, Richard

Figura 10: Estádio Olímpico Pequim, “Bird’s Nest”



Fonte: Peter23

(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Beijing_national_stadium.jpg),
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/legalcode>

Figura 11: Instalação das provas de natação, “Cubo de Água”



Fonte: Charlie fong (<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:国家游泳中心夜景.jpg>),
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>

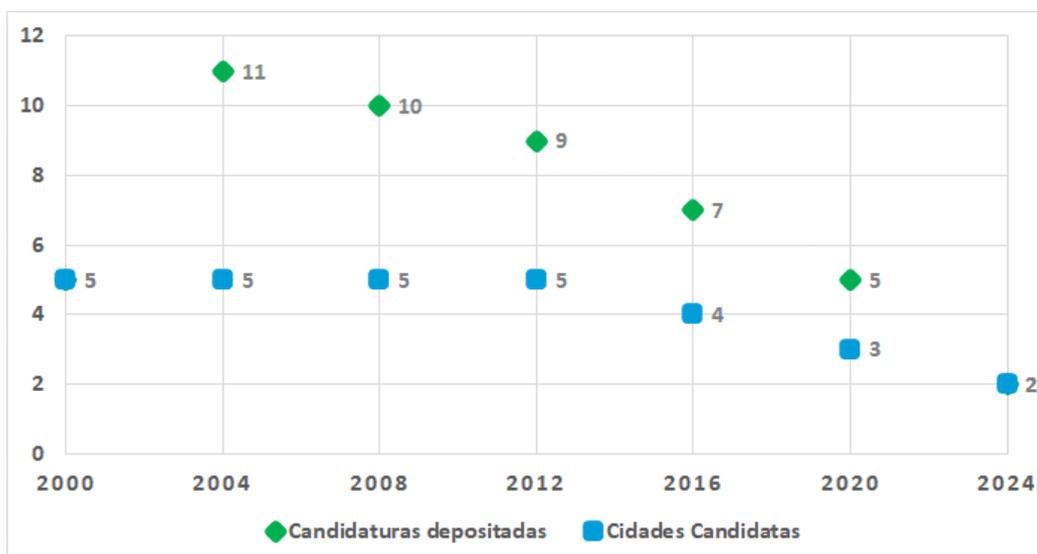
Um total de 10942 atletas, provenientes de 204 CONs estiveram presentes em Pequim. A nação anfitriã aproveitou a ocasião para se afirmar igualmente como potência desportiva, conquistando um total de 100 medalhas, das quais 50 de ouro, à frente dos EUA que arrecadaram 36 títulos.

Perspetivas Futuras

Considerando os processos de candidatura aos Jogos Olímpicos de Verão de 2000 a 2024, um total de 33 cidades apresentaram a sua candidatura em representação de 25 países. Após o entusiasmo do final do século XX, e que culminou na apresentação de 11 candidaturas para o processo de atribuição dos Jogos de 2004, o número de cidades interessadas em organizar o evento tem diminuído de forma continuada (*figura 12*)¹⁹.

¹⁹ Cidades Candidatas: corresponde às cidades que foram seleccionadas pelo COI, de entre as candidaturas apresentadas, para passagem à fase final do processo de escolha.

Figura 12: Número de candidaturas aos Jogos Olímpicos de Verão - Edições de 2000 a 2024



Fonte: Comité Olímpico Internacional

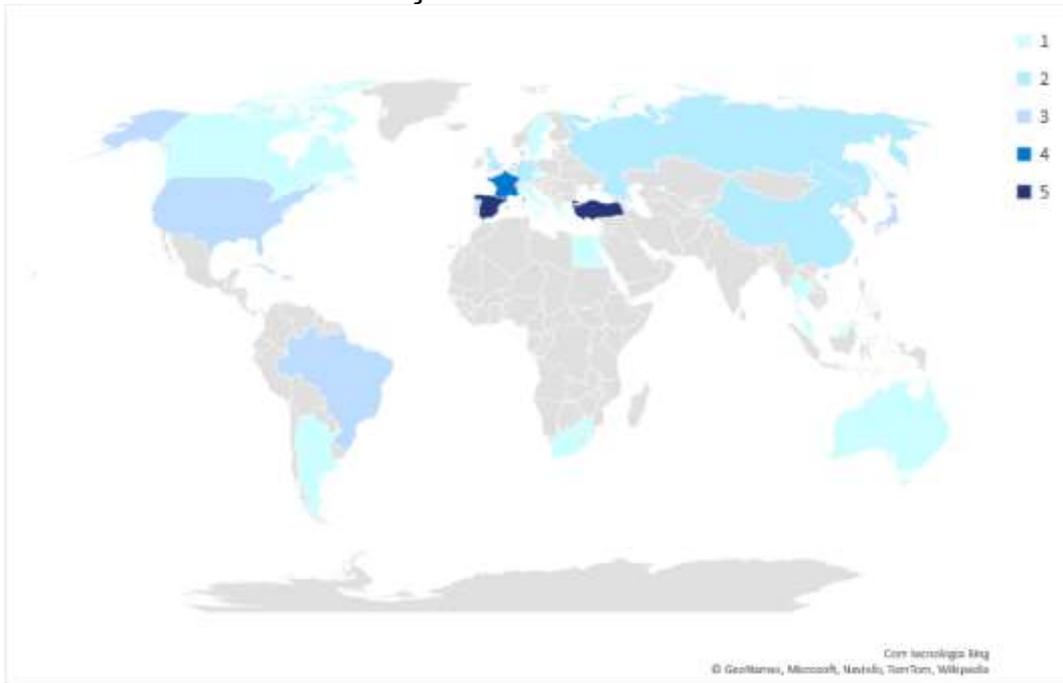
A Europa é o continente que lidera de forma destacada no número de candidaturas apresentadas no período em análise, com um total de 26, seguida pela Ásia com 9 (figura 13).

O processo de candidatura para os jogos de 2024 foi particularmente singular, com o mínimo de candidaturas apresentadas no período em análise. Das cidades que inicialmente depositaram o processo de candidatura, apenas Paris e Los Angeles permaneceram até ao fim do prazo: o COI viria a atribuir os Jogos de 2024 a Paris e os 2028 a Los Angeles²⁰. Boston, Hamburgo, Roma e Budapeste, inicialmente candidatas, acabariam por retirar as candidaturas antes do fim do prazo para apresentação²¹.

²⁰ 130ª Sessão do COI, realizada em Lima, no Peru, setembro 2017 (fonte: COI).

²¹ Hamburgo retirou a candidatura aos Jogos de 2024 após 52% dos cidadãos a rejeitarem em referendo realizado em 2015; Boston retirou igualmente a candidatura após forte campanha de oposição e foi substituída por Los Angeles; Roma viria a retirar a candidatura após recusa da Câmara local em apoiar o projeto; Budapeste retirou também a candidatura antes do término do prazo, na sequência de um movimento de oposição à candidatura ter conseguido pedir um referendo. (fonte: Reuters)

Figura 13: Número de candidaturas aos Jogos Olímpicos de Verão por país - Edições de 2000 a 2024



Fonte: Comité Olímpico Internacional

Significa este decréscimo no número de candidaturas que a organização dos Jogos Olímpicos deixou de ser um objetivo para as nações enquanto palco de afirmação? Apesar do processo atípico para os Jogos de 2024, a resposta parece ser negativa. As recentes candidaturas aos Jogos de 2016 e 2020 por parte, a título de exemplo, de Baku (Azerbaijão) e Doha (Qatar), demonstram que continuam a existir nações que ambicionam receber o evento com o propósito de afirmação internacional.

Entre as nações que mais têm procurado receber os Jogos Olímpicos nas décadas mais recentes, há uma que se destaca: a Turquia. Desde que apresentou a sua candidatura aos Jogos do ano 2000, Istambul foi candidata um total de cinco vezes²². Na atribuição dos Jogos de 2020, Istambul disputou com Tóquio a última ronda de votação, perdendo por 24 votos. A Turquia é hoje uma das vinte maiores economias do mundo e tem procurado expandir a sua influência política, sobretudo na região do Médio Oriente²³. É assim muito provável que este objetivo continue a ser

²² Istambul foi candidata às edições de 2000, 2004, 2008, 2012 e 2020 (fonte: COI)

²³ A influência da Turquia tem sido exercida particularmente pela via militar, como seja o papel do país no conflito na Síria ou, mais recente, na questão de Nagorno-Karabak, região disputada entre a Arménia e o Azerbaijão.

prosseguido pelas autoridades turcas e que uma nova candidatura de Istambul surja a uma próxima edição dos Jogos.

Considerações finais

Seja pela recuperação após o mais dramático conflito da história da humanidade, como aconteceu no Japão, ou pela profunda transformação económica e social ocorrida na Coreia do Sul e na China, os Jogos Olímpicos realizados na Ásia são particularmente exemplificativos e demonstrativos da organização do evento enquanto plataforma das nações anfitriãs para se afirmarem no palco mundial.

Esta conclusão não é, contudo, exclusiva dos casos asiáticos. Idêntica análise poderá ser aplicada a outras edições, com conclusões semelhantes: os Jogos de Roma'60 foram organizados em pleno auge do “milagre económico” italiano²⁴ no pós II Guerra; os Jogos de Munique'72 marcaram um período de extraordinário crescimento económico e recuperação da Alemanha, tornando-a na terceira maior economia do mundo²⁵; Barcelona'92 foi igualmente um palco de afirmação para Espanha, enquanto potência económica e uma democracia estabilizada.

A projeção internacional proporcionada pelo maior evento desportivo do planeta, continuará indubitavelmente a ser um desígnio para diversas nações, que procurarão afirmar-se por esta via no palco mundial enquanto potências emergentes, modernas e abertas ao exterior.

²⁴ ver p. ex. Nardozi (2003)

²⁵ ver p. ex. Eichengreen, Barry and Albrecht Ritschl (2009)

Bibliografia

- Abramovitz, M. (1986). Catching up, forging ahead, and falling behind. *Journal of Economic History*, 46, pp. 385–406.
- Beever, A. (2018). *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Berthrand Editora.
- Bijian, Z. (2005). China's "Peaceful Rise" to Great-Power Status. *Foreign Affairs*, 84(5), 18-24.
- Chow, Gregory C. "China's Economic Transformation." China's 40 Years of Reform and Development: 1978–2018, edited by Ross Garnaut et al., ANU Press, Acton ACT, Australia, 2018, pp. 93–116.
- Chow, G., & Li, K. (2002). China's Economic Growth: 1952–2010. *Economic Development and Cultural Change*, 51(1), 247-256
- Dowrick, S., & Nguyen, D. (1989). OECD Comparative Economic Growth 1950-85: Catch-Up and Convergence. *The American Economic Review*, 79(5), 1010-1030.
- Eichengreen, B. & Albrecht Ritschl (2009), 'Understanding West German economic growth in the 1950s', *Cliometrica*, 3, 191-219.
- Haggard, S., Kim, B.-K., & Moon, C.-i. (1990). The transition to export-led growth in South Korea, 1954-66. *Washington DC: World Bank*.
- Hamada, K. and Kasuya, M. (1992): The Reconstruction and Stabilization of the Postwar Japanese Economy: Possible Lessons for Eastern Europe?. *Center Discussion Paper, No. 672, Yale University, Economic Growth Center*.
- Harvie, C. and Lee, H. (2003): Export-led industrialization and growth Korea economic miracle, 1962 1989. *Australian Economic History Review*, 43:3, 256 - 286.
- Hassink, R. (1999). South Korea's economic miracle and crisis: Explanations and regional consequences. *European Planning Studies*, 7:2, 127 - 143.
- International Olympic Committee: Factsheet Host City Election 2024/2028 (2018). Olympic Studies Center.
- International Olympic Committee: Factsheet Host City Election 2020 (2018). Olympic Studies Center.
- International Olympic Committee: Bid Procedure for the Games of the Olympiad of 2016 (2010). Olympic Studies Center.

- International Olympic Committee: Bid Procedure for the Games of the Olympiad of 2012 (2010). Olympic Studies Center.
- International Olympic Committee: Bid Procedure for the Games of the Olympiad of 2008 (2010). Olympic Studies Cente.
- Maenning, W. e Vierhaus, C. (2014). *Who wins Olympics bids? Hamburg Contemporary Economic Discussions*, nº 50.
- Ishikawa, S. (1983). China's Economic Growth since 1949 - An Assessment. *The China Quarterly*, (94), 242-281.
- Nardozzi, G. (2003). The Italian Economic Miracle. *Rivista di Storia Economica*, XIX nº2, 139-180.
- OCDE, Cities in the World: A New perspective on Urbanization. The Growth of metropolitan areas. disponível em <https://www.oecdilibrary.org/sites/9b73e35den/index.html?itemId=/content/component/9b73e35d-en#>. Acedido a 02/04/2021.
- Ohno, K. (2005). The Economic Development of Japan – The Path Traveled by Japan as a Developing Country. *GRIPS Development Forum*.
- Takada M. (1999), Japan's Economic Miracle: Underlying Factors and Strategies for the Growth. *Lehigh University*, USA, pp 1-18
- Temin, P. (2002). The Golden Age of European growth reconsidered. *European Review of Economic History*, 6(1), 3-22.
- The Olympic Games: Athens 1986 – Athens 2004*. (2004). London: Dorling Kindersley Limited.
- Valli, Vittorio (2012) Growth and crisis in the Japanese economy. *Università di Torino*, Working paper No. 07/2012, pp. 1-27.
- Weiss, J. (2005), Export growth and industrial policy: Lessons from the East Asian miracle experience. ADBI Discussion Paper, No. 26, *Asian Development Bank Institute (ADBI)*, Tokyo.
- World Bank and the Development Research Center of the State Council, P. R. China. (2013). *China 2030: Building a Modern, Harmonious, and Creative Society*. Washington, DC: World Bank. DOI: 10.1596/978-0-8213-9545-5.
- World Bank Database, PIB a preço correntes China e EUA. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN-US>. Acedido a 04/04/2021.

World Bank Database, Percentagem População Urbana. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicador/SP.URB.TOTL.IN.ZS?end=2019&locations=CN&start=1979>. Acedido a 04/04/2021.

Publicações online consultadas

Scott M. & Tempera J. “U.S. drops Boston's embattled bid to host 2024 Olympic Games”. Reuters, 25/07/2015. <https://www.reuters.com/article/us-usa-olympics-boston-abandoned-idUSKCN0Q120I20150727>. Acedido a 03/04/2021.

Grohmann, K. “UPDATE 3-Olympics-Hamburg 2024 Games bid collapses in referendum defeat”. Reuters, 29/11/2015. <https://www.reuters.com/article/olympics-hamburg-idUSL3N13O0BF20151129>. Acedido a 03/04/2021.

Gavin J. & Binnie I. “New mayor kills off Rome's bid for 2024 Olympics”. Reuters, 21/09/2016. <https://www.reuters.com/article/us-italy-olympics-rome-decision-idUSKCN11R1WB>. Acedido a 03/04/2021.

Duani, M. “Budapest withdraws bid to host 2024 Olympic Games”. Reuters, 01/03/2017. <https://www.reuters.com/article/us-olympics-2024-budapest-idUSKBN16842G>. Acedido a 03/04/2021.

Lista de Abreviaturas

COI – Comité Olímpico Internacional

CON – Comité Olímpico Nacional

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

HCI – Heavy and Chemical Industries

IDE – Investimento Direto Estrangeiro

NIC – New Industrialized Countries

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONU – Organização das nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

RDA – República Democrática da Alemanha

URSS – União Soviética

USD – Dólar Americano